

## A Casa do Rio

Maria Silvestre

No silêncio compassado do relógio da sala, com o Nuno e o Vasco arrumados, aventurei-me ao fundo falso da gaveta da cómoda da minha avó. Debaixo das toalhas de linho, lá estava efetivamente uma placa de madeira que, com um movimento de mãos, logo deslizou, deixando visíveis vários cadernos. Nas capas amareladas liam-se os títulos com letra bem desenhada, “Ervas”, “Receitas doces”, “Receitas”. Dois cadernos sem título.

-Queres companhia?- o Vasco a espreitar à porta, que entreabri.

-Que disparate, Vasco! Desaparece!

-Não finjas que não sentes a minha falta...

-Não finjo. Não sinto mesmo. Caramba, o que é que se passa contigo?!

-Ritinha, conversa comigo, vá lá! Just talk, darling...

Desatei a rir com a sua imitação de mim.

-Forget and get lost, darling! – rimos os dois e ele acabou por sair. Voltei então aos cadernos.

Percebi que os cadernos sem título eram diários. Num deles, o mais antigo, um envelope com o meu nome e folhas arrancadas de outro caderno. Uma data: 25 de junho de 1993. O dia em que a minha avó morreu.

“Doce Rita

Morrerei hoje. Oitenta e oito anos cheios de dias bons, descobertas, encantamentos. Fui capaz de tirar vantagem do pior e aprendi tanto! Até hoje. Acordei com esta sensação de fim. Não foi uma dor, Rita. Não foi uma visão. Nada. Somente este saber que é hoje, um sono e uma pontinha de saudade da vida, da minha filha, de ti. Não vou dizer que foste o melhor que me aconteceu. O todo foi o melhor que podia ter sido.

Tu foste especial, pela sintonia comigo, pela cumplicidade, por este sangue que é meu e teu, mas por mais. É esse acréscimo para o qual não tenho um nome que faz a diferença em ti. Foi isso que faltou na minha relação com a minha filha, sempre tão comprometida comigo, embaraçada com a minha forma de estar.

Por isso te deixo os meus cadernos e só a ti. A tua mãe será guardiã desta vontade até a vida te trazer de volta à Casa do Rio. Não quero precipitar nada, portanto será ao teu ritmo.

Tu decidirás o que fazer com o que te deixo.

Revejo-me em ti e sigo tranquila o caminho.

Até sempre, Rita!

Maria Rita”

Aquele caderno abria com a data da véspera do seu casamento.

“24 de maio de 1930

Casar-me-ei amanhã com o Gervás. Não consegui evitá-lo.

Conversámo-nos durante mais de cinco anos, o suficiente e mais uns dias para eu perceber que não é este o homem que me acompanhará na vida. Soubera eu quem ele é, tudo seria mais simples, agora só saber quem não é...

Minha mãe ufana da alegria de ver a filha casada no altar com ramo de laranjeira, honrada, com um bom partido. E a minha vontade, ingrata que sou, é só rasgar aquele maldito fato que me espera em cima da cama e rasgar-me a mim toda também com qualquer homem que não seja o que me espera no altar, numa determinação única de não ser digna de um homem honrado assim, de um casamento solene assim.

Sempre achei que os compromissos válidos são os da vontade e não os da igreja ou do cartório. Há uns anos para cá que vejo no caminho para lá da encosta maior da mata, de quando em vez, uma pequena alcateia. Sempre o mesmo lobo, a mesma loba, os lobachos vão crescendo. Enternece-me esta fidelidade tão espontânea assim. Sem contratos e sem padre. Ou até sem fidelidade, como é o que mais vejo por aí com os outros bichos.

Anseio por um compromisso desses, da vontade, genuíno, de ir ao encontro de quem o corpo me pede e só isso. Sem exigir mais do que a respiração e a consideração por quem sou. A pessoa que sou, a mulher que sou e não o que represento, um nome, uma filiação, um lugar.

Falasse eu isto a alguém e era já uma criatura perdida, dessas sem retorna.

Questiono-me constantemente do que me move. Desejo de perdição? Verdade? Liberdade?

Será a vida, julgo. Será pela vida que, decido agora, amanhã não casarei com o Gervás.

25 de maio de 1930

Casei hoje com o Gervás.

Falei, pela manhã, a minha mãe da decisão de não casar. Que eu não sabia a sorte que tinha de ter arranjado um moço assim, que eu me livrasse de a afrontar dessa forma, que eu era a vergonha dos seus olhos, que eu estava possuída pelo demónio, que eu era uma vadia, uma perdida, uma desgraçada, que, que.

Entre gritos, encostou-me uma faca ao pescoço, matar-me-ia e matar-se-ia se eu não casasse.

-Caso, minha mãe, caso!- prometi-lhe. Pobre mãe, sempre tão iludida com as regras, com os outros, com as aparências. Saí de casa rumo à igreja, com mais de meia-hora de atraso, veio minha mãe a correr com o ramo de laranjeira. Recebi-o em silêncio e avancei caminho com ela para trás. A poucos metros da capela, num assomo de raiva atirei com o ramo ao chão e esmaguei com os pés, uma a uma, as flores. Não que eu não fosse digna de levar aquele ramo. Eu era efetivamente virgem. Como sou. Mas porque me envergonhava ter de ostentar perante todos os olhos algo tão íntimo assim. Porque me envergonhava que isso fosse motivo de honra ou desonra.

Decidi não quebrar a promessa feita a minha mãe, nem enganar Gervás. Nunca lhe fiz juras, nem promessas, nem falei de amor. As nossas conversas sempre foram das coisas quotidianas, da terra, dos bichos, dos queijos, do mel, não trocámos palavras nem gestos de homem e mulher.

Vi que a igreja estava cheia de convidados. Chamei Gervás e expliquei-lhe, falei-lhe com a verdade. Não o amava nem amaria, ainda que ele casasse comigo não seríamos marido e mulher. Disse-lhe mais, que sabia que havia um homem a quem me entregaria, se o encontrasse. Dera-me saber isso realmente, penso agora.

Temi por Gervás, mudo, branco, sem reação. Senti que eu era uma maldição na vida daqueles com quem me cruzo. Entretanto, saiu minha sogra da capela. Perguntou-me do que se passava e se eu queria desgraçar a família dela. Respondi-lhe que não, que só queria dizer a verdade a Gervás. E disse-lha a ela também. E ela, séria, perguntou se eu conhecia esse homem com quem me prontificava para trair o filho. Retorqui-lhe que não. Riu muito, riu como louca. No fim de rir tudo, olhou-me nos olhos,- Casas com o meu filho e acabou-se!, e disse a Gervás- Casa com ela, que isto passa-lhe num instante. Entrámos os três na igreja.-Faça lá o casamento, Padre- ordenou ela. Fez-se o casamento. Ele com lágrimas nos olhos, eu com olhos nas lágrimas. A boda foi farta em comida, em bebida e em angústia.

Jurei a mim mesma que nunca mais ninguém decidiria nada por mim. Jurei, ainda, que haveria de viver. Não passarei ao lado da vida.

Gervás dormirá no quarto ao lado, acordámos. Minha mãe dorme no quarto de fora. Tão aliviada, quase feliz, ao ver-me, ao longe, a sair da igreja casada. Eu consegui o que a ela foi vedado, um casamento, a honra de um apelido de homem, que me recuso a usar. Não sei que segredo é o seu, que será o meu também. Que homem será meu pai? Porque minha mãe sempre me carregou como uma cruz? Qual o motivo do ódio que lhe vejo nos olhos desde que existo e da amargura da voz?

Sempre embiocada, de terço na mão, murmura ladainhas intermináveis. Mais família não tenho. -Morreram-me todos- ouvi-lhe por várias vezes, até que deixei de perguntar. Entra e sai da igreja sem trocar palavras com gente. Fala sempre só o necessário, nunca sem azedume.

Diz-se que construiu a Casa do Rio por suas mãos, pedra a pedra, telha a telha. Da verdade disso não sei, mas sei que não pede ajuda e que desembaraçada é. Tão triste, minha mãe.

24 de dezembro de 1930

Neste primeiro Natal de mulher casada, a vida segue como sempre seguiu. Estou grata a Gervás por ter respeitado a minha vontade. Por essa gratidão, mantenho a aliança no meu anelar esquerdo.

Amassei filhós e fiz fatias douradas. No tripé já estão as couves e o polvo no forno para a consoada. Gosto desta quadra, nem sei eu porquê, acho que por um tempo que virá.

O rio gelou, os bichos desapareceram. Penso sempre em morangos quando vejo o azevinho na mata. Ontem fui ao musgo perto do rio e ri-me de mim mesma, tentada a comer as bagas do azevinho. Bonito seria!

Montei o presépio no sítio de sempre, à entrada da casa. Guardei o menino numa gaveta à espera da meia-noite de hoje para o devolver à sua mãe, ao lado da manjedoura. Ao soar das doze badaladas no relógio, deitei-o nas palhinhas que o esperavam. Nesse momento soube que alguém me dará uma filha daqui a uns anos. Como o soube, não sei.

Minha mãe e Gervás foram à Missa do Galo. Desde 30 de maio que não mais entrei numa igreja e não mais entrarei.

A mesa está posta para consoarmos os três.

22 de abril de 1934

O degelo do rio dá-me sempre esperança de que um dia degele eu também. Seja disso, seja do trinado dos pássaros, do cheiro das flores, da doçura do mel, da luz das estrelas, seja do que for ou de tudo, certo é que tenho revigorada esta vontade de vida, malgrado o silêncio de minha mãe e o alheamento de Gervás. Dias há que nem os vejo e gosto disso. Minha sogra não me dirige palavra, nem vem à Casa do Rio, pelo que lhe agradeço. Uma vez por mês vou levar os doces e as ervas secas ao merceiro, sendo que, tirando isso, quase não falo com gente. Aí levanto a correspondência da velha professora que me ensinou as primeiras letras. Lembro que tanto insistiu com minha mãe para eu prosseguir os estudos. Enfim... e é essa correspondência, sobretudo os livros ou periódicos que vêm junto, que me alimentam a alma, se eu a tiver.

Recebi há poucos dias um livro de uma poetisa alentejana, Florbela Espanca, Charneca em flor é o título. Leio e releio, admirada com a desenvoltura no assumir do desejo, da vontade de vida, tão vizinha do querer da morte. Estranho neste Portugal de censura e censuras circularem sonetos como estes, frementes de ansiedades por apaziguar e escritos pelo punho de uma mulher.

Mensalmente encomendo à minha velha mestra novidades literárias, muito à mão dela, que mora em Coimbra. O dinheiro do mel alimenta esse capricho.

Há muito que cortei o cabelo, para transtorno da minha mãe e de Gervás. Uso-o ondulado, com a nuca levemente subida, como vejo nas revistas. Faço questão de pôr vestido e chapéu quando vou às compras ou fazer entregas. Gosto dos olhares afrontados quando passo.

24 de novembro de 1934

Manhã cedo tocou à sineta da entrada um velho senhor, muito bem posto, de fato elegante e escuro, luvas de couro e chapéu. Viera num carro com motorista, que ficou no fundo da encosta, por o caminho para a Casa do Rio estar quase intransitável.

Abri-lhe a porta e perscrutámo-nos mutuamente de alto a baixo. Tive aquela sensação estranha de o reconhecer, sem alguma vez o ter visto.

Perguntou por Carolina Bárbara, minha mãe. Chamei-a, no quarto de fora. Apresentou-se muda e altiva. Fixou o estranho nos olhos. Ele olhou-a compadecido, pegou-lhe na mão- Carolina Bárbara...

E minha mãe cuspiu-lhe na cara. – Mãe!- gritei, chocada.

Nem terá ouvido, porque desceu em passo estougado e foi a última vez que a vi.

Pausadamente, ele puxou do lenço branco imaculado que saía do pequeno bolso do casaco de bom corte e limpou o rosto, com o vagar de quem vê o passado a desfilar perante si.

Pedi-lhe que entrasse e servi-lhe camomila com gengibre. Era meu pai, Francisco dos Reis, o seu nome. Em duas penadas contou-me a sua história, que é a minha e a de minha mãe.

Filho de uma família abastada, estava de casamento acordado com a herdeira de um património prestigiado. Minha mãe, órfã, terá entrado a servir na casa de seus pais. Discreta, elegante, doce. Tão outra da mulher em que se tornou. Era prática corrente os rapazes de família terem intimidades com as serviçais, pelo que se terá aventurado. Minha mãe ofereceu resistência, ele forçou-a.

Quando os senhores se aperceberam da barriga, deram-lhe uma bolsa com dinheiro e mandaram-na embora. Ela veio para a Peneda, onde havia uma ruína que pertencera aos seus avós. Aqui ficou.

Meu pai não teve outros filhos, acredita que por castigo. Agora ficou viúvo. Disse viver inquietado por me conhecer. Perguntou-me o nome e apertou-me a mão com lágrimas nos olhos, queria compensar-me disse. Respondi-lhe que nada precisava e pedi-lhe que saísse. Nunca me dei bem com a cobardia.

Procurei minha mãe na povoação e na mata. A noite está a chegar, o frio de rachar e ela não voltou.

25 de novembro de 1934

Minha mãe morreu, veio a polícia informar-me a meio da manhã. Foi encontrada caída na Ponte da Misarela, a ponte do Diabo. Pobre mãe! Irá a enterrar amanhã e eu acompanhá-la-ei na igreja. Quero agradecer-lhe na morte, ainda que não lhe tenha agradado na vida.

Vesti de preto e fiquei no velório quase sempre sozinha. Gervás acompanhou-me algum tempo e pediu desculpa por não ficar até ao fim, precisava de dormir. Sempre correto comigo. Cruzamo-nos às vezes aqui por casa. Lamento tanto ter-lhe roubado a felicidade.

No rosto morto de minha mãe consegui, hoje, ver-lhe uma réstia da doçura que ouvi contar.

À meia-noite fechei à chave a capela. Do outro lado da estrada, vi-o.

Percebi logo que era aquele o homem por quem eu esperara todos os meus dias, o homem que impedira o meu casamento com Gervás, o homem que me dará a minha filha.

Olhei no fundo dos seus olhos verdes, sorri-lhe e dei-lhe a mão. Acompanhei-o onde me levou, sempre em silêncio. Está a morar do outro lado da Peneda, numa encosta donde se avista a Casa do Rio. Acendeu o candeeiro a petróleo, fez um gesto para que me sentasse, tendo começado a desenhar-me numa folha de papel branco. Eu estava sentada na cadeira, vestida de preto. Desenhou-me nua, deitada na cama. Quando acabou de traçar, sempre a fixar-me, mostrou-me o desenho, com um sorriso. Sorri também e despi-me para ele. O meu compromisso da vontade, um compromisso do meu corpo com o seu corpo. Tão só e tanto. Nesta noite, o universo ficou inteiro. Partiu minha mãe, minha filha vem a caminho.

26 de novembro de 1934

Já o sol estava a raiar quando rumei à Casa do Rio. Queria contar a Gervás, numa retribuição pelo respeito que sempre me demonstrou. Disse-lhe que irei ter uma filha a 25 de maio do próximo ano. Esboçou um sorriso triste, - Parabéns, Maria Rita!- e saiu.

Ao meio-dia acompanhou-me no enterro de minha mãe.

Às cinco da madrugada, quando voltei da casa da outra encosta da Peneda, vi que não estava no seu quarto.

O sol está a nascer, o sono está a chegar, com a certeza de que também Gervás encontrará o seu caminho.”

Fechei o caderno da minha avó. Também o sol iria nascer para mim e o meu sono estava a chegar, apesar do deslumbramento de tanta descoberta.

Poucas horas depois, o Nuno e o pai invadiram o meu quarto com um pequeno-almoço handmade, gracejou o Vasco- já que por aqui não há outra forma de fazer as coisas. Atirei-lhe com a almofada.

Reconheci para mim que era bom tê-lo por perto, ainda que eu não buscasse outro tipo de relação com ele. É importante termos uma teia de cumplicidades que nos amparem as quedas e nos provoquem sorrisos.

Ainda cedo, os homens partiram rumo a Serralves e eu fiquei pela rede do alpendre com os diários.

Gervás, o meu avô oficial, deixara de pernoitar na Casa do Rio, após a notícia da gravidez e ter-se-á suicidado na véspera do nascimento da minha mãe. Atirou-se às fragas na Ponte da Mizarela. A minha avó sempre respeitou a sua memória, registou a filha com o seu apelido, pôs luto, foi discreta nas idas à casa da outra encosta e continuou a viver na Casa do Rio só com a minha mãe.

Afonso Lucas, o meu avô de sangue, mudo, alternava as estadias na casa da Peneda com viagens a Paris, para entrega de pinturas e desenhos, para os quais tinha por lá mercado. Maria Rita tê-lo-á acompanhado algumas vezes, depois de minha mãe ter casado.

Minha avó herdou uma considerável fortuna do pai, que doou na íntegra para instituições de caridade, e dez anos antes de morrer, herdou também o espólio de Afonso Lucas, que confirmou o estatuto de companheiro de corpo e vontade até à morte. Companheiro por destino. O seu espólio foi legado ao Musée des artistes libres. Nesse dia, eu partiria para Lisboa na certeza de que a Casa do Rio era a minha casa. Nada contei à minha mãe acerca dos diários. A memória de Gervás permaneceria respeitada. Era a depositária de segredos poderosos, que norteariam a minha vida a partir dali. A minha única prioridade passou a ser a de ter dias felizes.